

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Raúl Ruiz – A Imagem Estilhaçada – parte II
22 de Março de 2024

DES GRANDS ÉVÉNEMENTS ET DES GENS ORDINAIRES / 1978

Realização e argumento: Raúl Ruiz / Assistência de Realização: Françoise Ede / Fotografia: Pierre Bouquin Dominique Forge, Alain Salomon (cor) / Som: Jean Pierre Brisson, N’Guyen van Thong / Música Original: Jorge Arriagada / Montagem: Valeria Sarmiento / Com: Pascal Bonitzer, Jean Baudrillard (voz), etc. / Produção: INA (França) / Produtores: Martine Durand, Dominique Benzadon / Cópia: em ficheiro, cor, falada em francês, legendada electronicamente em português / Duração: 60 minutos / Primeira apresentação pública: 7 de Novembro de 1983, França / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

LES DIVISIONS DE LA NATURE / 1978

Realização e argumento: Raúl Ruiz / Fotografia: Henri Alekan (cor) / Som: Andrez Siekierski / Montagem: Gabriel Zubovik / Música (selecção e arranjos): Jorge Arriagada e Raúl Ruiz / Produção: Antenne 2/INA (França) / Chefe de Produção: Peter Lazko / Cópia: em ficheiro, cor, falada em francês e legendada electronicamente em português / Duração: 30 minutos / Primeira apresentação pública: 12 de Agosto de 1981 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

filmes de Raúl Ruiz

Duração total da projecção: 90 min.

Os dois filmes desta sessão fazem parte de um conjunto de produções realizadas por Raúl Ruiz para o INA (Instituto Nacional do Audiovisual) no início do seu exílio francês. Os títulos mais conhecidos dessa fase da sua obra são **La Vocation Suspendue** (1977), longa-metragem que adapta uma novela homónima de Pierre Klossowski; **Colloque de Chiens** (1977), filme fotográfico que recorre a uma estrutura narrativa muito inventiva e **L’Hypothèse du Tableau Volé** (1978), que, partindo ainda de uma ideia de Klossowski, nos desloca para o universo de uma original investigação que põe em cena quadros vivos. A estes três títulos sucedem duas produções mais modestas, que correspondem aos dois filmes desta sessão.

Des Grands Événements et des Gens Ordinaires é um documentário “indirecto” sobre as eleições legislativas francesas, tal como vividas no 12º bairro de Paris, contando com narração do sociólogo e filósofo Jean Baudrillard. Prolongando as tendências meta-discursivas dos filmes anteriores, Ruiz realiza um filme algo “teórico” e muito curioso, uma vez que uma encomenda aparentemente simples é o pretexto de uma reflexão sobre a própria ideia de documentário (cita-se John Grierson de entrada), sobre o que é fazer uma reportagem e como as filmagens influenciam o “real”. A escolha de Baudrillard para o filme revela-se em plena

consonância com esta abordagem que aponta para a indistinção entre o real e os seus simulacros (hoje tão na ordem do dia). Como acontecerá no filme seguinte da sessão, Ruiz subverte a encomenda de televisão para reflectir sobre questões que lhe são caras e realizar um filme de grande alcance conceptual. Elemento a elemento, o cineasta analisa e parodia o cânone da reportagem televisiva: as suas entrevistas, o recurso aos supostos especialistas, etc. Face a um filme como este, e ao modo como inventaria objetos, pessoas ou coisas, Ruiz está muito mais perto do mundo da arte e da literatura, e do documentário por excelência, do que da televisão. Se anteriormente adaptou Klossowski, aqui poderia adaptar Georges Perec, antecipando muitos trabalhos assentes em ficções do real, pois como se diz de entrada “um dos temas do filme é a dispersão do próprio documentário sobre uma série de objectos heteróclitos e heterogéneos.” Mas o seu tema é também “A vida quotidiana de um bairro parisiense durante as eleições, vista por um estrangeiro.” Versando sobre as eleições ou o próprio documentário, o tema do filme é, no fundo, o próprio cinema na sua relação com a realidade que filma.

Les Divisions de la Nature é outra encomenda do INA a Raúl Ruiz, desta vez para fazer um documentário sobre o Castelo de Chambord. Encomenda recusada por outros realizadores, que a associavam a um objecto demasiado conotado com a promoção turística, Ruiz usou assim esta oportunidade como pretexto para revelar o castelo sob diferentes perspectivas, recorrendo a um cuidado trabalho plástico. Nesse sentido, produziu imagens complexas, constituídas por reflexos e cromatismos pouco naturalistas, formadas por prismas e outros dispositivos, que transformam o real colocado em frente da câmara no sentido da abstracção. Henri Alekan, o brilhante director de fotografia que acompanhou Ruiz nesta aventura, explicou a Alain Bergala e a Yann Lardeau numa conversa publicada nos *Cahiers du cinéma* 345 alguns dos segredos do filme. “Com **Les Divisions de la Nature** podíamos deixar falar a imaginação”. Como Alekan adianta, não só Ruiz revelou preocupações extremas com a análise do comportamento da luz do sol ao longo do dia e os seus efeitos, o que se materializou em imagens invulgares, como se afastou do registo mais banal do filme turístico através de um guião que remetia para um mundo imaginário. “Raúl é um realizador que procura plasmar a partir de uma câmara tudo o que lhe ocorre, por meio de espelhos, ou de efeitos de luz, que ninguém usa hoje em dia.” **Les Divisions de la Nature** assenta assim num complexo jogo de luz e de espelhos que, partindo de mecanismos artesanais, produzem efeitos do domínio do fantástico. E como tão bem explicitou Christine Buci-Glucksmann em 1987 a propósito da visão barroca de Ruiz, “Neste naufrágio inicial do real, o Castelo de Chambord é objecto de três versões e visões: a primeira modelada segundo Fichte, a segunda por Pascal e a terceira no estilo de um guia turístico. O que resta do objeto nesse maneirismo generalizado? Talvez simplesmente um castelo de efeitos. Chambord flutua no ar, separado do solo por campos coloridos; fragmenta-se sob efeito de prismas; afoga-se através de um efeito do derretimento do gelo na frente da lente. Chambord já não existe; é simultaneamente real e imaginário.” Eis como estas palavras se ligam tão bem com as do primeiro filme da sessão, onde o real também se funde com o imaginário.

Joana Ascensão